

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

MEDIAÇÃO DE CLUBES DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MEDIATION OF READING CLUBS FOR CHILDREN IN SOCIAL VULNERABILITY: A REPORT OF EXPERIENCE

Carmem Lúcia Batista – Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20), Universidade de
Coimbra (UC)

Elisângela Alves Silva - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o presente estudo constitui um relato de experiência acerca da implementação de clubes de leitura como estratégias de mediação de leitura literária para crianças em situação de vulnerabilidade social. A iniciativa foi desenvolvida entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024, na Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, em colaboração com o Centro para Criança e Adolescente (CCA) Cristo Rei, uma organização da sociedade civil conveniada à Prefeitura Municipal. Os encontros, de caráter mensal, foram facilitados por bibliotecária e pesquisadores da área da Ciência da Informação, sendo estruturados a partir da leitura compartilhada de obras literárias em formato digital, com a finalidade de fomentar o diálogo, a escuta sensível e a construção coletiva de significados. A proposta se inscreve em uma tradição histórica que reconhece a leitura como uma prática cultural e a biblioteca como espaço simbólico de inscrição de saberes. A fundamentação teórica ancorou-se em autores no campo da mediação cultural e a inserção dos sujeitos em práticas culturais e sociais mais amplas. A experiência evidenciou desafios relacionados ao acesso e à fluência com as tecnologias digitais, mas também revelou as potencialidades dos clubes de leitura como espaços para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, cognitivas, e para o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais.

Palavras-chave: mediação literária; biblioteca pública; clubes de leitura.

Abstract: this study presents an experiential account of the implementation of reading clubs as strategies for mediating literary reading and supporting the literacy processes of children in situations of social vulnerability. The initiative took place between August 2023 and February 2024 at the Hans Christian Andersen Municipal Public Library, situated in the eastern zone of São Paulo, in collaboration with the Cristo Rei Child and Adolescent Center (CCA), a civil society organization affiliated with the Municipal Government. The monthly meetings were facilitated by a librarian and researchers from the field of Information Science, structured around the shared reading of literary works in digital format, aimed at fostering dialogue, attentive listening, and the collective construction of meanings. This proposal is situated within a historical tradition that recognizes reading as a cultural practice and the library as a symbolic space for the inscription of knowledge. The theoretical foundation was based on

authors from the field of cultural mediation, with literacy understood as a process that transcends functional literacy, conceptualizing it as an insertion of individuals into broader cultural and social practices. The experience underscored challenges related to access and fluency in digital technologies, while also revealing the potential of reading clubs as conducive environments for the development of linguistic and cognitive skills, in addition to strengthening affective and social bonds.

Keywords: literary mediation; public library; reading clubs.

1 INTRODUÇÃO

A leitura literária, para além de constituir uma habilidade técnica, revela-se como uma prática cultural que favorece a produção de significados, a articulação de experiências e a formação de indivíduos críticos. Historicamente, as bibliotecas desempenharam um papel central nesse contexto, funcionando como instituições voltadas à preservação da memória, ao acesso à informação e à promoção da democratização do conhecimento. Com exceção das unidades especializadas na conservação, observa-se, nas últimas décadas, um deslocamento gradual de uma função predominantemente arquivística para uma atuação direcionada à formação de leitores e à mediação cultural. Conforme enfatiza Chartier (1998), a biblioteca não se restringe a um repositório de obras, mas representa um espaço simbólico onde se desenvolvem práticas sociais de leitura, relações de poder e formas diversas de apropriação do texto, em múltiplos suportes.

No Brasil, esse redirecionamento ganhou força a partir da segunda metade do século XX, impulsionado por políticas públicas voltadas à ampliação do acesso à leitura e à consolidação das bibliotecas como equipamentos culturais de uso social. Nesse cenário, os clubes de leitura emergem como estratégias relevantes de incentivo à leitura literária, articulando não apenas o contato com obras, mas também a promoção do diálogo, da escuta e da construção coletiva de significados.

O presente estudo tem como objetivo investigar as potencialidades dos clubes de leitura enquanto instâncias de mediação da leitura literária, inserindo os participantes em práticas culturais e sociais mais amplas, além de proporcionar suporte aos processos de letramento. A análise busca examinar os clubes de leitura como espaços de mediação cultural e literária, explorando suas conexões com a memória coletiva e seu papel na construção de significados, no acesso à literatura e na formação de leitores críticos. Essas iniciativas, conforme ressaltam Durand e Gerbovic (2024), oferecem oportunidades de interação e reflexão que ultrapassam os limites da educação formal, promovendo a construção coletiva

de significados, o aprimoramento de competências linguísticas e a articulação entre leitura, subjetividade e realidade social.

A experiência aqui apresentada foi desenvolvida na Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, situada na zona leste da cidade de São Paulo, em colaboração com o Centro para Criança e Adolescente (CCA) Cristo Rei, uma organização da sociedade civil conveniada à Prefeitura Municipal de São Paulo e gerida pela Organização Social Bom Parto, localizada a 500 metros da biblioteca. O CCA proporciona atividades no contraturno escolar, com ênfase no reforço pedagógico e no acesso à cultura, e atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, residentes no bairro ou acolhidas em abrigos da região.

Participaram do clube de leitura cerca de 20 crianças, com idades entre 10 e 12 anos, selecionadas com base em sua autonomia leitora e no desejo de integrar a proposta. Os encontros ocorreram mensalmente, com duração média de 60 minutos, e foram estruturados com o objetivo de promover o diálogo, a escuta ativa e a valorização das experiências leitoras das crianças, reconhecendo-as como sujeitos de linguagem e de direito à literatura.

O projeto foi contemplado por meio de um edital de fomento da plataforma BibliON, que estabelecia a realização das leituras exclusivamente em formato digital. Inicialmente, tal exigência foi considerada compatível com o perfil do público-alvo, à luz dos dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2024), segundo a qual 93% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos da região Sudeste acessaram a internet nos últimos três meses. No entanto, a experiência prática evidenciou desafios importantes relacionados ao acesso desigual, à familiaridade com as tecnologias e às preferências de leitura das crianças, os quais serão abordados ao longo deste relato.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embora os clubes de leitura tenham ganhado visibilidade com a pandemia de Covid-19, sua origem remonta a formas antigas de sociabilidade intelectual. Desde as ágoras gregas até os salões literários do século XVIII, a leitura já era uma prática coletiva e politicamente engajada. Conforme Brito (2022), esses encontros foram relevantes para a propagação dos ideais iluministas, destacando o potencial emancipador da leitura compartilhada. Chartier (1990) complementa, afirmando que as práticas coletivas de leitura não apenas ampliam o acesso ao saber, mas também contribuem para a formação de uma consciência crítica capaz de questionar estruturas políticas e culturais.

Nessa perspectiva, os clubes de leitura podem ser entendidos como práticas que se conectam à "memória coletiva", conforme o conceito de Le Goff (2003). Essa memória não se limita à soma das recordações individuais, mas configura-se como um sistema simbólico que orienta a permanência, a transformação, os silêncios e a transmissão de práticas sociais ao longo do tempo. Ao recuperar referências históricas, como as rodas ao redor do fogo nas quais circulavam narrativas, mitos e ensinamentos, observa-se que a leitura, ainda que mediada pelo objeto-livro, preserva elementos da oralidade e do encontro, articulando-se a dimensões sociais que ultrapassam o tempo cronológico.

Dessa forma, os clubes de leitura reconfiguram a memória coletiva, estabelecendo-se como espaços de produção, circulação e compartilhamento de narrativas individuais e coletivas. No contexto de bibliotecas, a mediação cultural, definida como a ação de facilitar o acesso, a apropriação e a ressignificação de bens culturais, assume uma função estratégica. Seu objetivo é assegurar que o livro seja integrado a um processo formativo mais amplo, e não apenas disponibilizado.

Martins (2014), em suas investigações acerca do conceito de "mediação", aborda-o como uma categoria dialética e ontológica, onde a atuação do mediador cultural ou literário propicia o intercâmbio entre sujeitos, textos, contextos e culturas, favorecendo processos de desalienação, formação de identidade e emancipação humana. Tal mediação transcende o mero acesso à informação ou a livros, almejando envolver experiências e a constituição de comunidades leitoras por meio de uma construção coletiva de significados.

Nos clubes de leitura, a mediação literária vai além da simples entrega de obras, configurando-se como uma prática dialógica e provocadora que instiga o leitor a construir significados, confrontar diferentes perspectivas e ampliar seu repertório crítico. Quando orientada por uma perspectiva dialética, a mediação cultural ultrapassa a mera aproximação do público aos objetos culturais. Martins (2014) ressalta que essa abordagem tensiona relações, fomenta reflexões e provoca deslocamentos de sentido.

A autora enfatiza que a mediação literária, enquanto modalidade específica, é intencional e envolve a mobilização da literatura em encontros entre leitores e textos que promovem uma interpretação crítica, afetividade e processos éticos e estéticos. Neste contexto, exige-se do mediador um conhecimento aprofundado sobre gêneros, estilos, contextos de produção e estratégias de interpretação, a fim de criar condições que favoreçam a participação ativa dos indivíduos na cultura escrita e na produção de conhecimento.

Tal abordagem se afasta da metáfora simplificadora da "ponte", na qual o mediador atua apenas como facilitador do acesso. Martins (2014), fundamentando-se na tradição marxista, caracteriza a mediação como uma categoria de superação, um processo dinâmico que permite ao mediador aprofundar a relação entre o leitor e a obra. Essa perspectiva, que visa potencializar as incertezas em vez de eliminá-las, adquire relevância em contextos de diálogo e escuta, onde as interpretações emergem coletivamente, conforme enfatiza Chambers (2008). Nesse contexto, a mediação literária em clubes de leitura se apresenta como uma prática cultural e educativa que não apenas facilita o acesso à obra, mas também promove processos reflexivos, ampliando assim a construção de significado.

Bajour (2012) reforça a dimensão dialógica da leitura ao afirmar que “falar dos textos é voltar a lê-los”. Ela compara o processo a um ensaio musical, no qual vozes e interpretações se entrelaçam. A mediação, sob essa ótica, exige disposição para acolher a palavra do outro e abandona a lógica do espelho, que busca apenas validar a própria voz, em favor de uma escuta ativa e plural. A intersecção entre memória coletiva e mediação cultural posiciona os clubes de leitura como espaços para a construção simbólica, o desenvolvimento do pensamento crítico e a produção compartilhada de significados. Nesses contextos, o texto literário deixa de ser passivo e se torna um recurso que mobiliza reflexões, diálogo e a compreensão de diferentes perspectivas de mundo.

No ambiente escolar, entretanto, observa-se uma tendência a privilegiar uma abordagem centrada em respostas objetivas, voltada ao cumprimento de tarefas pedagógicas ou ao preenchimento de fichas de leitura. Por sua essência, bibliotecas e salas de leitura apresentam um potencial significativo para proporcionar ambientes que valorizam a diversidade de interpretações e experiências, incentivando a participação ativa dos leitores. Ao se diferenciarem da estrutura mais rígida do ensino formal, tais espaços podem contribuir para a formação integral do sujeito, fomentando tanto a expressão individual quanto o intercâmbio cultural. Como observa Petit (2013), nesses espaços, a leitura funciona como um mediador simbólico que ajuda os sujeitos a reconstruir vínculos, experiências e projetar novos horizontes, sobretudo em contextos de crise ou vulnerabilidade. Assim, os clubes de leitura, ao se configurarem como lugares de encontro e escuta, podem desempenhar um papel reparador e emancipador, possibilitando que narrativas individuais dialoguem com narrativas coletivas.

Conforme Benjamin (1987), a literatura desempenha um papel na sustentação e

expansão da imaginação, elemento essencial à construção do conhecimento. O autor defende que a imaginação é central para a interpretação de textos literários e para a compreensão de suas figuras de linguagem.

Sob essa perspectiva, os clubes de leitura podem ser entendidos como práticas sociais de linguagem que favorecem processos de letramento. Para Freire (1989), aprender a ler e escrever não se limita a um exercício mecânico de decodificação de palavras, mas envolve a capacidade de “ler o mundo”, compreendendo o contexto social e histórico que circunscreve o indivíduo. A leitura, nesta ótica, é um ato crítico, no qual a interpretação do texto se articula à compreensão e à transformação da realidade.

Soares (2003) define o letramento como uma prática social que se insere em contextos autênticos de leitura e escrita. Por sua vez, Solé (1998) destaca a compreensão leitora como um processo dinâmico e interativo, que é mediado por estratégias ativas. Nesse contexto, os clubes de leitura se apresentam como ambientes de mediação literária que vão além da mera transmissão de conhecimentos, promovendo uma escuta atenta, uma interação constante e um incentivo à conexão entre o texto e as vivências dos leitores. O mediador, ao facilitar a formulação de hipóteses, a realização de inferências e o desenvolvimento de estratégias de leitura próprias, propicia o diálogo, a construção coletiva de significados e o aprimoramento das competências crítica, interpretativa e intertextual dos participantes.

Conforme Cândido (1995), a literatura constitui um espaço de interação onde o leitor dialoga com o texto e com diversas perspectivas, superando o isolamento e ampliando sua compreensão de realidades multifacetadas. Em contextos de vulnerabilidade social, o acesso à literatura assume uma importância que transcende o âmbito pedagógico, configurando-se como um direito fundamental relacionado à formação crítica e à participação cidadã. Nesse sentido, Petit (2013) destaca que a literatura e as práticas de leitura em espaços coletivos não apenas ampliam o repertório cultural, mas também funcionam como dispositivos de reconstrução simbólica, permitindo aos indivíduos reinterpretar suas histórias e fortalecer sua capacidade de imaginar outros futuros possíveis.

3 METODOLOGIA

Este estudo insere no âmbito dos relatos de experiência, adota uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo e reflexivo, fundamentada na observação participante e na escuta atenta dos indivíduos envolvidos em consonância com abordagens etnográficas ou

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

narrativas. A metodologia foi orientada pelo referencial teórico de autores como Chambers (2023), Martins (2010 e 2014), Perrotti e Pieruccini (2014), Soares (2010), Solé (1998) e Freire (1989), cujas abordagens fornecem um suporte robusto para a análise das práticas de mediação literária e seus impactos nos processos de letramento.

A experiência foi realizada entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024, com encontros mensais na Biblioteca Pública Hans Christian Andersen, localizada na zona leste de São Paulo, em colaboração com o Centro para Criança e Adolescente (CCA) Cristo Rei. Esta instituição, pertencente à rede da sociedade civil, atende crianças em situação de vulnerabilidade social, oferecendo atividades educativas e culturais no contraturno escolar.

A coordenação dos encontros ficou a cargo de duas mediadoras de leitura, bibliotecárias e pesquisadoras na área da História da Educação e Ciência da Informação. O planejamento das atividades adotou uma abordagem flexível, permitindo ajustes contínuos em função das interações observadas e das necessidades das crianças.

A implementação da observação participante e da documentação das expressões verbais das crianças está em consonância com as abordagens etnográficas aplicadas em contextos culturais públicos, sem a coleta de informações sensíveis ou identificáveis. Assim, em cada encontro, foram elaborados registros descritivos e reflexivos a respeito das dinâmicas interativas, das verbalizações, das reações e das formas de apropriação da leitura literária. Essas anotações foram consignadas em diários de campo imediatamente após os encontros, abrangendo, além dos diálogos e comportamentos das crianças, as impressões das mediadoras sobre os processos de mediação.

Não foram realizados registros audiovisuais, com o objetivo de preservar a espontaneidade e o conforto das crianças, conforme acordado com a instituição parceira, salvo por algumas fotografias capturadas durante as mediações. Esses materiais mostraram-se pertinentes para a identificação de aspectos significativos do processo e para a formulação de diretrizes que visam ao aprimoramento das práticas de mediação.

A experiência desenvolveu-se em um ambiente pautado na escuta ativa, no acolhimento e no respeito às manifestações individuais e coletivas. Os registros das falas foram efetuados de forma anônima e mediante o devido consentimento institucional, assegurando a proteção e a privacidade das participantes. A análise das falas das crianças foi conduzida por meio da análise de conteúdo temática, abordagem inspirada nas contribuições de Bardin (2016). Embora não tenha havido triangulação formal com entrevistas ou

formulários, o processo contou com observações sistemáticas das educadoras da instituição parceira, que acompanhavam os encontros e trocavam impressões com as mediadoras ao término de cada sessão.

O projeto, desenvolvido com o apoio da plataforma BibliON, demandava a utilização exclusiva de livros digitais. Nesse contexto, foi realizada uma análise específica para compreender o acesso e o uso das tecnologias por parte das crianças participantes, o que possibilitou uma avaliação minuciosa das condições de acesso e das limitações enfrentadas por elas no uso das ferramentas tecnológicas.

Cada reunião foi estruturada a partir de um roteiro flexível de mediação, desenvolvido com base nas contribuições teóricas de Bajour (2012) e Chambers (2023). A mediação literária foi orientada por diálogos tanto formais quanto informais, além das respostas e observações das crianças, o que permitiu compreender a dinâmica da apropriação do texto literário e as reações dos participantes. A análise dessas interações buscou identificar aspectos positivos e negativos da narrativa, compartilhando entusiasmos, enigmas e dificuldades, e, por fim, explorando as conexões intertextuais e interculturais presentes nas obras literárias debatidas.

De acordo com a estrutura metodológica delineada por Chambers (2023, p. 96), as perguntas formuladas durante os encontros foram organizadas em três níveis, com o intuito de promover uma reflexão mais profunda sobre o texto literário:

1. Perguntas básicas: Abordam elementos do texto que despertaram a curiosidade dos leitores, enfatizando estruturas narrativas, bem como reflexões sobre aspectos que foram valorizados ou não na obra, sempre com a intenção de auxiliar na interpretação da mesma.

2. Perguntas gerais: Considerando a ampliação do escopo da linguagem e das referências, estas questões visam estabelecer comparações, apresentar novas informações, e estimular a troca de opiniões e ideias que auxiliem na compreensão do texto. Um exemplo de pergunta geral pode ser: "Você já leu outros livros semelhantes?" ou "Você já teve a oportunidade de ler este livro anteriormente? O que mudou em sua interpretação nesta leitura?".

3. Perguntas especiais: Cada obra literária possui características singulares que podem ser identificadas mais facilmente pelas crianças do que pelos adultos. Contudo, algumas dessas particularidades exigem o auxílio do mediador para que sejam compreendidas em sua totalidade. Um exemplo de pergunta especial seria: "Quanto tempo você acredita que

levou para a história se desenrolar?" Esta questão foi proposta no terceiro encontro, durante a leitura do conto *Onde está meu pai?*, contida no livro *O filho do caçador e outras histórias-dilema da África*, de Andi Rubinstein e Madalena Monteiro, no qual o tempo de gestação e a vida de um personagem eram elementos centrais da narrativa.

A reflexão proposta por Chambers (2023) acerca da conversa literária evidencia um aspecto central da mediação de leitura. Quando os leitores têm a oportunidade de compartilhar suas impressões e reflexões em um espaço de diálogo, eles se apropriam da literatura não apenas como um meio de entretenimento, mas como um instrumento para reavaliar e reinterpretar suas próprias experiências e visões de mundo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de agosto de 2023 a fevereiro de 2024, os encontros do clube de leitura firmaram-se como um ambiente propício à mediação literária, à escuta atenta e ao fortalecimento das relações entre as crianças e os textos. A análise minuciosa dos registros de campo, das expressões infantis e das observações realizadas pelas mediadoras possibilitou a delimitação dos seguintes pontos.

* **Resistência inicial e adaptação ao formato dialógico:** No primeiro encontro, a adesão a comportamentos de sala de aula convencional, como a disposição das cadeiras em fileiras, sugeriu uma familiaridade com práticas pedagógicas tradicionais. Essa oposição inicial foi gradativamente superada, à medida que os participantes se sentiram mais confortáveis. A posterior reorganização do espaço em círculo e a maior liberdade na expressão de suas impressões indicam uma apropriação do ambiente como um espaço de diálogo e troca de ideias.

* **Mobilização simbólica e memória intertextual:** A leitura atuou como um catalisador para a mobilização de repertórios pessoais, referências culturais e conexões intertextuais. No conto *A princesa que só se casava com quem se escondesse e ela não visse onde*, conto de autoria de Ricardo Azevedo, que faz parte da coletânea *Histórias para jovens de todas as idades*, organizada por Laura Sandroni e ilustrada por Allan Rabelo. As crianças comentaram que seria possível inventar uma poção de invisibilidade para os pretendentes, a fim de que se ocultassem da princesa (uma alusão à "capa de invisibilidade" do personagem Harry Potter). Também expressaram tristeza ao considerar que uma princesa fosse compelida a contrair matrimônio para assegurar herdeiros, estabelecendo conexões entre narrativas míticas e o

universo literário apresentado. Nesse contexto, a literatura fornece palavras para aquilo que não foi nomeado. Como salienta Mayer (2023, p. 228), “Os livros lhes abrem portas, oferecem palavras para o que não sabiam nomear”.

* **Profundidade da apropriação literária infantil:** No conto *Onde está meu pai?*, contida no livro *O filho do caçador e outras histórias-dilema da África*, de Andi Rubinstein e Madalena Monteiro, as discussões transcenderam a narrativa imediata. As crianças identificaram temas complexos como o papel da memória familiar e os dilemas da vida adulta, evidenciando um nível de apropriação literária que vai além da mera decodificação. A consciência sobre a origem africana das histórias e a surpresa pela presença de uma das autoras da obra na biblioteca são elementos que ressaltam a relevância cultural e autoral do texto para os leitores.

* **Mediação e amplificação da voz infantil:** A mediação literária demonstrou ser um instrumento eficaz para ampliar a voz das crianças. Constatou-se um enriquecimento do vocabulário, o aumento da fluência interpretativa e a capacidade de expressão crítica. Esses leitores em fase inicial demonstraram a habilidade de gerar significados profundos, o que corrobora a concepção de que os clubes de leitura funcionam como espaços de interação entre leitores, obras e suas respectivas realidades.

* **Desafios e contradições na utilização da tecnologia na mediação literária:** Apesar de o projeto ter sido concebido para livros digitais, em consonância com as exigências do edital BibliON, a prática revelou desafios significativos, como a limitação de dispositivos com acesso à internet, a instabilidade das conexões e a resistência das crianças ao formato digital, o que evidenciou a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre a utilização da tecnologia na formação de leitores. Muitas crianças manifestaram preferência pelo livro impresso, destacando o conforto visual, a qualidade das ilustrações e o vínculo afetivo com o objeto como fatores determinantes.

A referida preferência suscita indagações acerca da adoção indiscriminada de ferramentas digitais e sugere que a democratização do acesso à leitura vai além da simples disponibilização de formatos, englobando também a escuta atenta dos leitores e o reconhecimento das diversas maneiras com que interagem com a leitura. Esse aspecto reveste-se de extrema relevância para a Ciência da Informação, que deve considerar o usuário, concebido como um agente ativo na busca, utilização e apropriação da informação, e suas práticas como elementos centrais para o desenvolvimento de serviços informacionais. Tal

perspectiva encontra respaldo nas ideias de Perrotti (2016), que defende a articulação dinâmica entre informação e educação, valorizando o protagonismo cultural e a apropriação simbólica. Para Perrotti e Pieruccini (2014), essa situação ilustra a noção de que não existe informação ou comunicação sem uma mediação. Os autores elucidam que transitamos de um modelo de informação e comunicação definido de maneira diádica para um modelo triádico, onde a intervenção de uma terceira parte é imprescindível para regular o acesso ao conhecimento e possibilitar experiências culturais enriquecedoras.

Mesmo diante de restrições materiais e estruturais, a experiência evidenciou a eficácia da mediação literária. Os encontros se caracterizaram por instantes de escuta, reflexão e construção de significados. A literatura atuou como um recurso para expandir repertórios culturais e linguísticos, favorecendo a participação de crianças cujas vozes são, frequentemente, pouco consideradas nos circuitos formais de produção e circulação cultural. A mediação, compreendida nos termos propostos por Martins (2010) como um processo de superação de barreiras interpretativas, demonstrou-se essencial para que a leitura transcendesse o plano literal, estimulando questionamentos, análises e diálogos. Esse contexto ressalta que a leitura mediada constitui um instrumento relevante para fortalecer a expressão oral e escrita das crianças, ampliar seu vocabulário e promover o desenvolvimento de competências críticas.

A atuação das mediadoras, pautada por um planejamento meticuloso e uma escuta atenta, propiciou um ambiente favorável ao acolhimento e à livre expressão. Os clubes transformaram-se em espaços nos quais as subjetividades puderam emergir, permitindo que cada criança elaborasse narrativas sobre si mesma e acerca do mundo que a rodeia. O resultado foi o desenvolvimento não apenas de habilidades relacionadas à leitura, mas também de uma autonomia crítica e de uma sensibilidade ética, elementos que se revelam essenciais na formação de leitores e cidadãos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do clube de leitura para as infâncias reitera o potencial da mediação literária como instrumento de transformação social e na formação de leitores críticos. Os dados empíricos, coletados entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024, demonstram a viabilidade de espaços de mediação literária, ressaltando a necessidade de adaptar a metodologia às características e ao nível de proficiência de cada grupo. A pluralidade da

infância, conforme abordado por autores como Freire (1989) e Soares (2003), demanda uma abordagem dinâmica e sensível, capaz de reconhecer as vivências e os contextos individuais das crianças.

A mediação literária, neste contexto, configura-se como um processo experimental de verificação de hipóteses, no qual as crianças, ao se engajarem com os textos, são incentivadas a formular questões, explorar perspectivas e construir sentidos de forma coletiva. O clube de leitura, ao atuar como um espaço de escuta ativa, onde as crianças podem expressar suas opiniões, dúvidas e interpretações, funcionou como um contraponto à homogeneização da experiência literária. O espaço mediado pela leitura literária, conforme propõe Chambers (2023), favorece a constituição de um imaginário crítico e criativo, essencial para a formação do sujeito leitor. Além disso, essa prática dá continuidade à experiência delineada por Benjamin (1987), ao possibilitar a partilha e a reconstrução do passado, conferindo sentido ao presente.

A continuidade e a expansão desta iniciativa são justificadas pelos impactos observados no processo de letramento das crianças, especialmente na ampliação do vocabulário, na valorização de suas narrativas pessoais e no desenvolvimento de uma postura reflexiva e crítica. As interações entre as crianças, os mediadores e os textos literários contribuíram significativamente para a construção de uma visão analítica sobre o mundo, ampliando suas capacidades de interpretação e compreensão das realidades sociais.

Em síntese, este projeto evidencia que a literatura não deve ser apenas um instrumento de acesso ao conhecimento, mas um meio de empoderamento e resistência, essencial para a formação integral e cidadã de crianças em situação de vulnerabilidade social. A prática da mediação literária, ao criar um ambiente de escuta e de protagonismo infantil, contribui para a formação de sujeitos mais críticos, capazes de interagir com os textos e com o mundo de maneira mais reflexiva e autônoma.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. A princesa que só se casava com quem se escondesse e ela não visse onde. *In*: SANDRONI, Laura (org.). **Histórias para jovens de todas as idades**. Ilustrações de Allan Rabelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 31-40.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 1).

BRITO, Regina Garcia. **Clubes de leitura, literatura e biblioteca: perspectivas da mediação cultural na era da informação.** 2022. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: doi:10.11606/D.27.2022.tde-09112022-151307. Acesso em: 04 jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191 e p. 235-263.

CCA. Centro para Crianças e Adolescentes. **Prefeitura da Cidade de São Paulo.** São Paulo: Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, 2023. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/. Acesso em: 22 dez. 2023.

CETIC.BR – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **TIC Kids Online Brasil 2024: principais resultados.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2024_principais_resultados.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

CHAMBERS, Aidan. **Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa.** São Paulo: Cortez editora, 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. **Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções.** Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2024.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

HISTÓRIAS PARA JOVENS DE TODAS AS IDADES. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], p. 164–185, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22674>. Acesso em: 11 ago. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MARTINS, Ana Amélia Lage. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 255f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MAYER, Bel Santos. **Parelheiros, idas e vi(n)das**: ler, viajar e mover-se com uma biblioteca comunitária. São Paulo: Instituto Emília; Solisluna editor, 2022.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação & Profissão**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4–31, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/infoprof/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PETIT, Michele. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

RUBINSTEIN, Andi; MONTEIRO, Madalena; EBERT, Andréa. **O filho do caçador e outras histórias-dilema da África**. São Paulo: Panda Books, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.